

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM OS CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS
6 de novembro de 2020

ODE À INFÂNCIA / 2019

de João Monteiro e Luís Vital

Realização: João Monteiro, Luís Vital / Música: Tomás Almeida / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 7 minutos / Estreia Mundial: novembro de 2019, Cartoons Underground, Singapura / Primeira apresentação na Cinemateca.

QUEM ME DERA EM VEZ DE UMA CÂMARA TER UMA MOSCA / 2018

de Cláudia Craveiro Santos

Realização, Direção de Fotografia e Montagem: Cláudia Craveiro Santos / Texto: José Diogo Nogueira / Som: Artur Pires / Música: Vasco Oliveira / Voz: Cláudia Craveiro Santos / Cópia: DCP, a preto e branco, falado em português com legendas em inglês / Duração: 13 minutos / Estreia Mundial: abril de 2019, 16ª MIFEC – Mostra Internacional de Filmes de Escolas de Cinema, Porto / Primeira apresentação na Cinemateca.

LA LLORONA / 2018

de Rosana Cuellar

Realização, Argumento e Montagem: Rosana Cuellar / Direção de Fotografia: Thomas Oswald / Produção: Alejandro Albert, Gabriel Stavenhagen, Rosana Cuellar / Produção Executiva: Rafael Cuellar, Juilo Chavezmontes / Assessoria: Wim Wenders, Robert Bramkamp / Coreografia: Priscila Hernandez / Música: Carlos Mier / Interpretações: Abigail Pergi (Manuela), Andrea Sutton (Alicia), Danny Bernard (Gustavo), Dylan Sutton (Carlos), Nicholas Petersen (Raúl), Maripaz Mata (Nana), Claudia Cervantes (Mamá Manuela), Nayeli (Llorona 1), Valeria Gaona (Llorona 2), Cecilia Sans Luna (Llorona 3) / Casting: Viridiana Olvera Martin, Jaime Jaramillo / Direção Artística: Belén Estrada / Guarda-roupa: Gamaliel Islas / Som e Produção Musical: Stephan Konken, Neto García, Ximena Romero / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em castelhano com legendas em inglês / Duração: 28 minutos / Estreia Mundial: setembro de 2019, Symi Int'l Film Festival, Grécia / Primeira apresentação na Cinemateca.

FREIGANG / 2019
(“Saída Precária”)

de Martin Winter

Realização: Martin Winter / Argumento: Sebastian Schmidl / Produção: Victoria Herbig, Sebastian Schmidl / Direção de Fotografia: Aram Baroian / Montagem: Sebastian Schmidl, Martin Winter / Som: Markus Ortner / Música: Valentin Martins / Interpretações: Anna Suk (Kathi), Christoph Legedza (Christopher), Birgit Linauer (Eva), Patrick Schmidl (Robert), Daniela Zacherl (Sylvia), Nicole Gerzabek (Supervisor Wagner) / Guarda-roupa: Marlene Pleyl / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em alemão com legendas em inglês / Duração: 35 minutos / Estreia Mundial: janeiro de 2019, Festival Max Ophüls, Saarbrücken, Alemanha / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 83 minutos.

Com a presença da realizadora Cláudia Craveiro Santos.

Em **Quem me dera em vez de uma câmara ter uma mosca**, o ensaio é, como o verbo francês sugere (*essayer*), uma tentativa, ou melhor dizendo, o intento de dar um passo, depois outro e outro e outro... Um andar tímido, tateante, “em dia de ressaca”, que diz “eu” e que percorre o tempo através de imagens: as que a fotografia provoca na realizadora Cláudia Craveiro Santos e as que o cinema captura, aprisiona, “queima” e “transforma”. “*Frames to frames, ashes to ashes*”, proclamava o crítico de cinema Serge Daney – é esse o movimento deste filme que quer ser mosca, estar em todo o lado e, não estando propriamente em nenhum, se suspender no tempo de todos os tempos, onde este se (re)guarda (do francês *regarder*), onde se torna tangível, matéria visível e oferecida à “queimada” do olhar. Eis uma *matéria-tempo* que se desdobra em imagens de pensamento, um fio de ideias que começa num álbum familiar de fotografias antigas, prolonga-se no primeiro de todos os filmes, **La sorti de l’Usine Lumière** (1895), para depois, em mais um passo, a realizadora – isto é, o filme que a sua memória cria, indómita, fluindo como um rio – *reguardar* o rosto enclausurado de Marilyn Monroe: “Matou-se porque estava presa”, diz, continuando a ler, em *over*, o texto inspirado (da autoria de José Diogo Nogueira). Também ela, a *star* incandescente, viveu, foi gente de carne e osso antes do trágico eclipse – é ela assim tão diferente das pessoas, anónimas e mundanas, perpetuadas nos esquecidos álbuns familiares, presas em vários “instantes de tempo”?

A perambulação – que se faz também pela cidade do Porto, qual *flânerie* embriagada e embriagante – vai perdendo algum gás criativo, mas, perto do fim, volta a encontrar a “boa forma” na companhia dos grandes assuntos – o tempo, a morte, a História, a vida. Tal acontece quando uma *imagem-memória* penetrante – efeito que lembra alguns documentários ensaísticos de Agnès Varda e Chris Marker – ressalta nas fotografias dos familiares dessa viajante sem bússola. Este ensaio filmico, projeto de final do curso de Som e Imagem da Universidade Católica Portuguesa, é a obra mais significativa das que aqui se reúnem debaixo da categoria “Ensaio”. Na realidade, é a única obra aqui convocada que verdadeiramente responde à definição de ensaísmo dada por Brian Dillon, no brilhante *Ensaísmo*: “O ensaísmo é hesitante e hipotético, mas é também um hábito de pensar; escrever e viver sem fronteiras definidas”. Mas – atenção – a diversidade é o traço predominante desta seleção.

Segundo o vice-diretor do Festival Caminhos do Cinema Português, Tiago Santos, “o que se pretende com esta secção [Ensaio, lançada na XXIII edição do festival] é mostrar que há excelente cinema nos contextos de formação colocando em evidência que nas nossas escolas há talento na realização e engenho na produção e, olhando para o lado, perspetivar o que poderia ser feito se os alunos de cada escola, instituto ou universidade tivessem acesso a mais e melhores meios de produção”. Procura-se criar uma “linha de congruências em que as propostas comunicam entre si”. A aceção de ensaio é, assim, muito abrangente e visa promover uma certa pedagogia – um “olhar comparativo” – ao integrar obras nacionais e internacionais, sendo o grande ponto em comum o facto de estes serem filmes de escola.

Assim, além desse ensaio de Cláudia Craveiro Santos, que tenta ser qualquer coisa extravasando o próprio cinema para se meter, enfim, com a vida e seus fantasmas, esta sessão contempla outro título proveniente de Portugal e que também é, claro está, um projeto de graduação (na licenciatura em Design de Animação e Multimédia do Instituto Politécnico de Portalegre). Trata-se de um filme que “teoriza” – no âmbito do género, por vezes subestimado, da animação – os passos tímidos que uma criança dá – qualquer criança dá? – durante os primeiros anos de vida. A **Ode à Infância**, da dupla Luís Vital e João Monteiro, canta, em traços infantis soltos como a infância ela mesma, o processo de autodescoberta através de outrem, leia-se, mediante essa comunidade de afetos, brincadeiras e jogos que é a amizade. Por outras palavras, esta é a história de uma rapariga que “dá o salto”.

Sáimos de Portugal, mas mantemo-nos no “espaço” da infância. Artista mexicana vivendo na Alemanha, onde na escola de Belas-Artes de Hamburgo absorveu os ensinamentos de realizadores como Wim Wenders e Robert Bramkamp, Rosana Cuellar aplica conhecimentos acumulados ao longo do tempo nesta curta-metragem que se propõe adaptar, de modo livre, a célebre lenda *folk* sul-americana da “Chorona”. Situado num tempo histórico difuso, **La Llorona** é um filme investido de um especial cuidado no trabalho de direção artística, explorando com algum *savoir faire* a fotografia em profundidade e, ao mesmo tempo, apoiando-se num aparato cenográfico digno de nota por causa da sua versatilidade, que o faz alternar, no registo, entre o drama de época, o musical “surrealista” e uma espécie de horror performático. É, aliás, por via deste elemento performático que Cuellar “liberta” a figuração lendária da “Chorona”, não no corpo de uma mulher mas em três. Um trio de bailarinas que coreografa entre si, fundindo-se para formar um só corpo, a expressão desse horror (é o grito e o choro eternos) que sobreviveu aos tempos: o de uma mãe que, conduzida pelo desespero mais inominável, assassinou os seus filhos.

Por fim, assistimos à história de uma rapariga que, durante uma saída precária da prisão, tenta resolver a sua vida. Trata-se de uma história que encerra uma lição dura: por vezes, a redenção, numa vida feita de caminhos transviados, acontece quando aprendemos a “deixar ir” quem mais amamos. A derrota sabe – e é sentida na pele deste drama – como uma simples derrota, mas é, na realidade, uma estranha vitória – o sentimento final é o de que esta mulher agiu menos por impulso do que tomada por um instinto protetor inexcedível e por uma clareza de julgamento que denota uma importante aprendizagem. É isso que faz a rapariga, interpretada, em modo de total entrega emocional, por Anna Suk: reavalia a sua vida, afere qual o futuro que pode dar ao seu filho de três anos e com quem pode contar para que esse seja risonho.

O austríaco Martin Winter, que realizou este **Freigang** como filme de final de curso da Filmcollege de Viena, apoia-se na tradição do cinema realista – a propósito deste filme, penso nos irmãos Dardenne ou, por causa do *découpage* baseado na utilização do formato largo, na escola romena liderada por Christian Mungiu e Cristi Puiu – para produzir um retrato frio, mas de comovente ressonância humana e psicológica, acerca de uma rapariga sem eira nem beira, obrigada a crescer em resultado de uma vida perpassada por movimentos em falso e obstáculos difíceis de transpor, como o de uma mãe doente, aparentemente incapaz de esboçar um gesto de afeto – muito eficaz o longo plano na cama, durante o qual esta é forçada a ser mãe e que sela esta história de abandonos e decisões erradas – e uma relação passada com um homem que friamente recusa assumir a paternidade do filho de ambos. O tempo de que a rapariga dispõe, durante esta saída precária, é exatamente aquele que ela utiliza para resolver a prisão que é, afinal, a vida cá fora.

Luís Mendonça